

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Ana Flávia Lorenzoni Rodrigues

**Uma reflexão sobre a importância do letramento na
alfabetização de criança no primeiro e segundo ano
do ensino fundamental**

Taubaté - SP
2020

Ana Flávia Lorenzoni Rodrigues

Uma reflexão sobre a importância do letramento na alfabetização de crianças no primeiro e segundo ano do ensino fundamental

Trabalho de Curso apresentado para obtenção do Certificado de Graduação pelo Curso de Pedagogia do Departamento de Pedagogia da Universidade de Taubaté.
Área: Educação

Orientador: Professora Ma. Cleusa Vieira da Costa

**Taubaté - SP
2020**

ANA FLÁVIA LORENZONI RODRIGUES

UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS NO PRIMEIRO E SEGUNDO ANO

Trabalho de Curso apresentado para
obtenção do Certificado Graduação pelo
Curso de Pedagogia do Departamento de
Pedagogia da Universidade de Taubaté.
Área: Educação

Orientador: Professora Ma. Cleusa Vieira
da Costa.

Data: ____/____/____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Ma. Cleusa Vieira da Costa
Assinatura _____

Universidade de Taubaté

Dra. Márcia Maria Dias Reis Pacheco
Assinatura _____

Universidade de Taubaté

Ma. Odila Amélia Veiga
Assinatura _____

Universidade de Taubaté

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente ao meu padrinho, que sempre contribuiu positivamente em minha vida acadêmica e que sem ele provavelmente não seria possível que eu realizasse este sonho. Também a minha mãe e minha irmã que me acompanharam durante todo este processo, aos meus colegas de trabalho que fizeram parte deste trabalho me auxiliando em dicas e indicações.

Para minha orientadora que fez um trabalho maestral me auxiliando na seleção do conteúdo e escrita desta presente monografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele sei que nada disso seria possível.

Em segundo gostaria de agradecer ao meu padrinho que sempre contribuiu com meus estudos e me incentiva a sempre ser melhor e a me dedicar cada vez mais.

A minha mãe e minha irmã, que nunca duvidaram de mim e toda vez que pensava em desistir estavam lá para me apoiar e animar.

Aos meus professores agradeço pelo conhecimento que tornaram possível que eu adquirisse e por permitirem que me tornasse protagonista de meu processo de ensino e aprendizagem.

A minha querida professora e orientadora Cleusa Vieira da Costa, por me apoiar e orientar durante todo esse processo que considero como o mais importante do meu curso, pelo incentivo e apoio.

*As mais básicas de todas as necessidades de aprendizagem continua sendo a alfabetização?
- Magda Soares.*

RESUMO

A alfabetização é um processo complexo que envolve múltiplas dimensões, pensar este processo exige uma reflexão desses elementos. A alfabetização não deve ser vista unicamente como apropriação estática de um código, mas, e sobretudo, como uma ação integradora que envolve o letramento. Nesse sentido, este trabalho objetiva refletir o conceito e a prática da alfabetização e do letramento, bem como, seu desenvolvimento nas escolas, evidenciando as peculiaridades dos sujeitos envolvidos. Refletiu-se, com base nos relatos de professores durante o trabalho desenvolvido em escolas do ensino fundamental anos iniciais. Proporcionado no estágio supervisionado e durante a coleta de informações para a estruturação do relatório final obrigatório de estágio, a fala dos professores sobre o processo de alfabetização, trazendo à tona as peculiaridades desse momento. Diante disto, discutimos inicialmente um histórico da alfabetização no Brasil, o dia a dia da escola e o estágio como o espaço concreto dessas reflexões. O estudo contou com bases teóricas e pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1999) e Soares (2004), além de outras referenciais que contribuíram para a reflexão. O trabalho proporcionou um repensar das práticas de alfabetização. Foi fundamental para compreendermos que o letramento é um processo que não consiste em início meio e fim, mas sim uma prática individual/coletiva, para além dos muros escolares.

Palavras- chave: Alfabetização. Letramento. Reflexão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
I O HISTÓRICO	11
1.1. O significado da alfabetização	11
1.2 A alfabetização – breve histórico	12
1.3 O significado do letramento	13
1.3 O letramento - breve histórico	14
1.4 O processo de aquisição da língua.	15
II A ESCOLA NO SEU DIA A DIA – EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS	18
2.1 Estágio/alfabetização/letramento - algumas considerações sobre a singular tessitura	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por principal objetivo refletir sobre questões a respeito do letramento na alfabetização.

Esse processo ainda é visto de forma mecânica por muitos professores. Neste trabalho apresentamos as definições próprias do mesmo, com o intuito de discutir as peculiaridades que envolvem o tema, trabalhando-os de forma concomitante.

Desse modo, trazemos as contribuições de Martins e Spachela (2012), Fago e Almeida (2014) e também Soares (2004a), (2005) e (2004b) para fundamentarmos as discussões em torno da temática, evidenciando as formas como o letramento é realizado nas escolas, quais são as perspectivas a respeito e quais os avanços, evidenciando as peculiaridades que envolvem cada turma de alunos.

Assim, pautamos uma reflexão, baseada em Soares (2004) de que o letramento e a alfabetização são processos independentes, porém caminham concomitantemente, na constituição de uma leitura e escrita significativas, envolvendo o cotidiano, no entanto um processo complexo e multifacetado.

As reflexões trazidas neste estudo são subsidiadas pelas reflexões atentas no Estágio Obrigatório no Ensino Fundamental, no qual presenciamos momentos ricos de observação e análise nas salas de primeiro e segundo ano. Essa experiência permitiu levantar alguns questionamentos, confrontar realidades diferenciadas, participar de experiências concretas e acompanhar o desenvolvimento dos alunos. Esses elementos compõem significativamente este trabalho e permeiam a reflexão teórica aqui dissertada e discutida.

O estágio supervisionado é um espaço de aprendizagem da profissão docente e de construção da identidade profissional. Assim, ele é compreendido como campo de conhecimento e a ele deve ser atribuído um estatuto epistemológico indissociável da prática, concebendo-o como práxis, o que o define como uma atitude investigativa que envolve a reflexão e a intervenção em questões educacionais (SILVA E GASPAR 2018, p.206).

Para compor o relatório de estágio curricular obrigatório, elencamos diversos dados que contribuíram para a reflexão do dia a dia da escola, entre eles, uma entrevista com agentes do espaço escolar. Essa atividade também permitiu

compormos elementos para pensar esta temática, algumas práticas de salas de aula observadas, foram perturbadoras em relação ao processo de alfabetizar letrando.

Ao refletirmos sobre estas questões destacadas no cotidiano da escola e as propostas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, na obra intitulada *Psicogênese da Língua escrita* (1999) e de Soares (2004), constituímos um arcabouço teórico - prático para pensarmos o processo de alfabetização na escola.

Neste sentido abordamos, no primeiro capítulo o histórico e significado da alfabetização e letramento, tratando as definições de formas individuais, porém sem nos esquecermos de que são processos indissociáveis, como se pode validar na afirmação da autora ora requerida:

[...]a aproximação, ainda que para propor diferenças, entre letramento e alfabetização, o que tem levado à concepção equivocada de que os dois fenômenos se confundem, e até se fundem. Embora a relação entre alfabetização e letramento seja inegável, além de necessária e até mesmo imperiosa, ela, ainda que focalize diferenças, acaba por diluir a especificidade de cada um dos dois fenômenos (SOARES, 2004a, p. 8).

Assim, pautando-nos também nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1999), é abordado o processo de aquisição da língua, especificando cada um de seus níveis - nos quais são divididos em quatro: pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético- e seu novo método de alfabetizar.

O segundo capítulo abordamos um relato de Estágio Supervisionado, que como Silva e Gaspar (2018) definem, um momento de reflexão e formação profissional para o aluno. O relato é pautado em discussões realizadas com professoras de primeiro e segundo ano do ensino fundamental, cuja temática o letramento e a alfabetização, estavam sempre presentes. Vale ressaltar, entretanto que estas questões que nós refletimos não formam elementos constituídos para o Trabalho de Conclusão de Curso, mas para complementar os dados exigidos no Relatório de Estágio, desse modo as questões pontuadas aqui não compõem uma pesquisa de campo¹.

Finalizamos o texto com algumas considerações realizadas a respeito das contribuições do letramento para além dos muros da escola, para a formação da

¹ De acordo com o Parágrafo único da Resolução 510 “Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP: [...] pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual.

vida cidadã do aluno e seu pensamento crítico como um ser social, ressaltando a importância da participação e do incentivo da família.

I O HISTÓRICO

Os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam e eventualmente se confundem, embora pensados separadamente, de maneira individualizada, temos a consciência de que são elementos intercambiáveis e integrados entre si.

1.1 O significado da alfabetização

A alfabetização é definida como o processo de aprendizagem onde se **desenvolve a habilidade de ler e escrever**. No entanto, esta habilidade não deve ser vista de forma estática, mas ativa, como um código de comunicação com o seu meio.

De acordo com Soares (2005) “[...] etimologicamente, o termo alfabetização não ultrapassa o significado de “levar a aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita” (SOARES 2005, p.15).

É o processo em que se faz necessário estar atento ao desenvolvimento contínuo do aluno, subsidiando-o com atividades significativas que envolvem o aprendizado amplo do código e da língua como processo social dinâmico.

Desse modo, a aquisição da habilidade de leitura, de compreensão de textos e da linguagem como um todo, incluindo a consciência numérica, competências necessárias para avançar aos níveis escolares seguintes, precisam ser trabalhadas, de acordo com a proposta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Nesse conjunto de práticas, nos dois primeiros anos desse segmento, o processo de alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica. Afinal, aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social (BRASIL, 2017, p.63).

Durante o processo de alfabetização é possível, assim, desenvolver a habilidade de socialização do indivíduo, uma vez que possibilita novas trocas simbólicas com a sociedade, além do acesso a bens culturais e outras vivências com as instituições sociais. Soares (2011), propõe que compreender essa função da alfabetização é

importante para dominarmos o significado do termo alfabetismo, que traz a ideia de que precisamos um novo olhar para a alfabetização, como “uma mudança histórica nas práticas sociais”

1.2 A alfabetização – breve histórico

A alfabetização está presente no Brasil muito antes do que imaginávamos. No período colonial os padres Jesuítas procuravam alfabetizar os índios para seu melhor domínio. O método antigamente utilizado era o sintético e o processo acontecia de forma fragmentada, letra por letra, sílaba por sílaba, como abordam Martins e Spechela (2012). Com o início da República as tentativas de organizar a educação no país se iniciaram, como aponta Soares (2004a) foi em São Paulo por volta da década de 80 com o surgimento dos métodos analíticos e com a defesa de alguns professores que a palavra alfabetização surgiu, mas o foco permaneceu em ensinar os alunos a ler, a escrita ainda estava muito ligada à caligrafia.

Já por volta de 1920 os métodos mistos surgiram e em 1970 também as avaliações para medir o desempenho dos alunos. Essa mistura de novos métodos, antigos e novos, é uma questão que pode ter influência nos níveis atuais de desempenho dos alunos.

[...] foi nos anos de 1980 que the new field of literacy studies has come into existence. É ainda significativo que date aproximadamente da mesma época (final dos anos de 1970) a proposta da Organização da Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) de ampliação do conceito de literate para functionally literate, e, portanto, a sugestão de que as avaliações internacionais sobre domínio de competências de leitura e de escrita fossem além do medir apenas a capacidade de saber ler e escrever (SOARES 2004^a, p.6).

As grandes mudanças sociais ocorridas pós ditadura e início da redemocratização do ensino, influenciaram surgimento de novos métodos de alfabetização. Novas posturas foram pensadas em torno dessa temática, e no Brasil ganha espaço as reflexões em torno das pesquisas trazidas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) sobre a construção da alfabetização. Apresentando o

professor como um mediador do processo de ensino e aprendizagem, respeitando o capital de conhecimento cultural que o aluno possui. “Assim, as alterações no conceito de alfabetização nos censos demográficos, ao longo das décadas, permitem identificar uma progressiva extensão desse conceito” (SOARES, 2004a, p.7).

Tais reflexões permitiram uma ampla abertura para pensar o processo de alfabetização nas escolas apoiando-se numa diversidade de métodos, que permite ao professor olhar com cuidado para as peculiaridades dos alunos considerando a alfabetização um processo de ensino e aprendizagem pleno. Abre caminho para uma alfabetização mais significativa e envolvida com a realidade, permitindo ao aluno ser protagonista de sua aprendizagem. Sobre isso Martins e Spechela (2012, p. 6) apontam que “É importante lembrar que a criança não é só mais uma peça feita por uma empresa que possui um molde e produz todas as peças iguaizinhas”. Cada grupo possui uma realidade diferenciada e esta deve ser respeitada pelo professor. Assim alfabetizar é fazer escolha em torno de objetivos claros, conteúdos apropriados, mas que sejam fundamentalmente direcionados para alunos reais.

1.3 O significado do letramento

O letramento, de acordo com Soares (2004a) advém da palavra “literacy” que significa condição de “ser letrado”. Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado. Almeida e Frago (2014) discute ao longo de seu artigo que alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; letrado é aquele que sabe ler e escrever, mas que responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita, ou seja, entende a leitura e escrita de forma social e as coloca em função social.

Com isso fica claro que o letramento e condição de “ser letrado”, vai além de decodificar o código e escrevê-lo, passa pelos conhecimentos vinculados à escrita, pelo modo em que se utiliza a escrita para a comunicação e para se relacionar com

as demais pessoas. Como Souza e Cosson (2011) discutem, ler forma o ser, fato que é essencial para sociedade.

Segundo Rojo (2012), afirma ser equivocado pensar o letramento no singular, pois em nosso meio social não existe apenas uma forma de comunicação. Podemos falar de acordo com a autora do multiletramento, ou seja, uma variedade e uma multiplicidade de práticas sociais, que abrangem, desse modo, vários meios de comunicação. Souza e Cosson (2011) ao abordarem o letramento literário descrevem que o letramento possui diversas vertentes, podemos assim, atingir uma pluralidade, pois

[..] as práticas sociais da escrita são diversificadas que, talvez, seja mais adequado falar de letramentos, assim no plural, para designar toda a extensão do fenômeno, ou mesmo de multi-letramentos, que procura abranger toda a complexidade dos meios de comunicação de que, hoje, dispomos (2011, p. 102).

É necessário considerarmos os conhecimentos já existentes do aluno a respeito da língua, como afirmam Almeida e Frago (2004): hoje as crianças possuem um contato intenso com diversos tipos de culturas letradas e com isso é importante que o professor faça uso de diversos portadores textuais, a fim de, garantir-lhes a possibilidade de realizarem experiências múltiplas.

1.4 O letramento – histórico

Como já abordado, sabemos que o letramento surgiu no Brasil na década de 1980, porém quando e onde este termo surgiu? Em estudos de Soares (2004) e os apontamentos realizados por ela indicam que a primeira utilização do termo foi dada em um livro de Mary Kato (1996). Também Grando (2012, p. 2), aponta que “O surgimento de uma nova palavra sempre está ligado à falta de uma palavra que possa explicar o sentido de algum fenômeno”. Nesse sentido, a partir das pesquisas realizadas historicamente sobre o ler e o escrever, notamos que o termo alfabetização já não explicava mais o fenômeno social da leitura e da escrita, por isso, “[...] a necessidade de reconhecer e nomear práticas sócias de leitura e de

escrita, mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita”, foram inevitáveis (SOARES, 2004a, p. 2).

As novas pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1999) levantaram grandes questionamentos a respeito das formas de alfabetizar, no Brasil. Essas reflexões ganham espaço principalmente pelo alto índice de analfabetismo no Sistema de Educacional Brasileiro.

O movimento do letramento no Brasil se deu de forma a despertar a relevância e a necessidade de meios mais significativos de desenvolver habilidades para o uso pleno do código da língua que se inicia no momento da aprendizagem da escrita e de sua compreensão por meio da leitura.

Deste modo, é importante lembrar como a compreensão do processo de aquisição da língua ocorreu historicamente.

1.5 O processo de aquisição da língua.

Antes de compreender a psicogênese da língua escrita o ensino do código acontecia de forma fragmentada, iniciando pelas vogais e as sílabas, sempre seguindo a ordem do alfabeto, utilizando as cartilhas e priorizando a cópia repetitiva.

Com os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, na obra “Psicogênese da Língua Escrita” as autoras trazem estudos significativos da gênese do processo de aquisição da escrita e leitura. No final dos anos 1970, elas apresentaram o relato de uma pesquisa no qual descrevem o processo de desenvolvimento daquelas habilidades em crianças de 4 a 6 anos (FERREIRO; TEBEROSKY, 1984).

As autoras propõem diferentes hipóteses sobre o sistema da escrita, suas ideias chegam no Brasil por meados da década de 80 e a princípio foram consideradas errôneas e um novo estudo a respeito da alfabetização. Para Ferreiro e Teberosky (1999) os métodos tradicionais inibem as crianças, gerando apenas uma cópia e não uma escrita consciente. Já a escrita espontânea citada pelas autoras proporcionaria para a criança pensar sobre as regras que constituem o sistema de escrita, tornando-a ativa em seu processo de aquisição da língua.

Com essa nova visão do processo de alfabetização Ferreiro e Teberosky (1999) desenvolveram e superaram a visão de codificação e decodificação em que alfabetizar seria apenas um decifrar de códigos. Assim, elas trazem a ideia do uso social da escrita, atribuindo desta forma um significado com base em diferentes aplicações do uso da escrita. Com efeito, o processo de aquisição da língua escrita acontece, de acordo com Ferrarezi e Souza (2011), como base nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1999), ocorre em níveis diferentes, sendo o primeiro nível o pré-silábico, no qual a criança utiliza letras do seu nome para a escrita das palavras, rabiscos, desenhos. As letras não possuem som por si só e ainda não há um limite de caracteres por palavra. Mendonça e Mendonça (2011) em um estudo analisa a respeito da Psicogênese da Língua Escrita de Ferreiro e Teberosky (1999), apontam que ocorre um avanço, quando a criança toma o conhecimento de que a palavra é apenas uma representação do objeto, não ele em si. Ao aprender as letras que compõem o próprio nome, o aluno percebe que se escreve com letras que são diferentes de desenhos.

Podemos citar um exemplo da escrita da criança nesse nível, segundo Mendonça e Mendonça (2011, p.39):

Por exemplo, quando o professor pedir que escreva gato, poderá escrever RARDICO, normalmente limitando-se a usar apenas um pequeno inventário de letras, como as de seu nome (RICARDO, por ex.), sem correspondência sonora alguma.

No segundo nível, nomeado de silábico, a criança já atribui um valor sonoro a cada sílaba da palavra registrada. Com isso ela possui um limite mínimo de letras por palavras. Agora o aluno já descobre que a palavra escrita representa a palavra falada, mas só entrará no nível silábico quando houver correspondência sonora em seus registros. Mendonça e Mendonça (2011,p.40) levantam outra exemplificação, mas agora a respeito do presente nível em questão, “para MENINO grafar, MIO (M=me, I=ni, O=no), para GATO, GO (G=ga, O=to), BEA (B=bo, E=ne, A=ca) para BO-NE- -CA”.

Nesse nível a criança revela avanço significativo no processo de compreensão da estrutura da língua. À medida que vai compreendendo esse processo, outros elementos passam a fazer sentido

[...] a criança 'abandona' a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá 'mais além' da sílaba pelo conflito entre a hipótese e a exigência de quantidade mínima de letras (ambas as exigências puramente internas, no sentido de serem hipóteses originais da criança) e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica (conflito entre a exigência interna e uma realidade exterior ao próprio sujeito) (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p. 214).

Assim, a criança entra num terceiro nível, o silábico alfabético, e passa a realizar combinações entre vogais e consoantes em uma mesma palavra, como uma tentativa de combinar sons e também associar a escrita ao som da fala. A chegada ao nível alfabético, é o passo seguinte no qual espera-se que a criança compreenda como a escrita se compõe, de acordo com Moraes (2012, p. 64)

Ao atingir essa fase final do processo de apropriação da escrita alfabética, as crianças resolvem as questões o que e como da forma como fazemos nós, adultos bem alfabetizados e usuários do português: colocando, na maioria dos casos, uma letra para cada fonema que pronunciamos. Assim, como nós, as crianças o fazem, mesmo sem conseguir verbalizar/explicar essa maravilha que descobriram. Mas diferente de nós elas cometem erros.

É importante ressaltar que o processo de aquisição do código da língua não segue um padrão e as crianças não irão reagir e adquirir o conhecimento da língua de uma forma homogênea e concomitante. Vale pontuar que não é apenas pela alfabetização que a criança compreende a função social da língua, mas sim por ambos, alfabetização e letramento que devem ocorrer simultaneamente, com propostas ativas e concretas.

II A ESCOLA NO SEU DIA A DIA – EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS

Durante o processo de formação, no curso de pedagogia passamos por várias experiências e, uma delas, foi o Estágio Curricular Supervisionado. Esse período é o momento no qual os estudantes relacionam a teoria e prática, repensando a respeito de suas concepções sobre o ensinar.

Pode ser definido como um “campo de conhecimento e a ele dever ser atribuído um estatuto epistemológico indissociável da prática”, como apontam Silva e Gaspar (2018, p. 206) uma experiência que irá formar a identidade profissional do estudante. As autoras ainda levantam que é o momento em que ocorrem quebras de paradigmas e esclarecimentos de dúvidas. A observação e a reflexão a respeito do fenômeno educativo levam os alunos a criarem sua forma de ser, agir e pensar educação. “Tratar o estágio como o espaço para essa relação é compreendê-lo como momento de reflexão sobre as aprendizagens no contexto institucional, ou seja, com base nas disciplinas vivenciadas durante o curso de formação” (SILVA E GASPAR 2018, p.206).

O estágio ofertou a possibilidade de uma ferramenta para pensarmos as diferentes posturas frente ao ensino/aprendizagem, principalmente no tocante a aquisição da leitura e da escrita, pois compôs uma ação vivida, cruzando a teoria com a prática e vice-versa.

Ao realizar a coleta de dados para compor o relatório obrigatório de Estágio, pude ter contato com professoras que lecionavam nos 1º e 2º anos de uma escola particular.

Em diálogos com as professoras elas apontavam que o letramento deve ser considerado mais que um complemento na alfabetização das crianças, que desempenha um papel importante nas práticas sociais, na formação de um cidadão crítico e sociocultural.

Uma colocação de uma das professoras, que leciona há 25 anos, chamou a atenção, ao se referir a escrita ela comentou “Interpretar é a chave para o conhecimento”. Analisando esta frase percebemos que a ideia explícita, em acordo com a literatura que apresentamos, que a escrita está para além da decodificação

de símbolos linguísticos. Interpretar é realmente compreender o sentido do que se está lendo, proporcionando assim ao leitor um mundo de conhecimento.

Ao perguntar as professoras como procuravam inserir a prática do letramento na sala de aula, estas traziam exemplos do tipo: acesso aos diferentes gêneros textuais por meio de livros de receitas, contos, parlendas, poemas, cantigas, trava-línguas, jornais, revistas e e-mails. Vivências com listas, receitas, histórias. Teatro, bulas de remédio, propagandas, jornais de supermercados. Além de pontuarem o gosto pela contação de histórias, leitura de poemas para intensificar a linguagem oral.

Outro aspecto bastante relevante comentado por várias professoras, seja em conversas informais ou em reuniões com outros professores e pais, era a preocupação que demonstravam com um ambiente agradável, acolhedor e rico em estímulos e com cartazes e livros postos sempre à disposição. Constantemente falavam de projetos de leituras, contação de histórias e jogos. Assim como propõe Almeida e Frago:

Atualmente, estamos vivendo em uma sociedade, em que as crianças chegam à Unidade Escolar com diversos tipos de conhecimento em relação à cultura letrada. É importante que o educador faça o uso da leitura e da escrita, utilizando diversos portadores de textos [...] (2014, p.205).

No entanto ao observar as salas e as aulas durante o estágio nem sempre esta prática estava presente. Presenciava atividades repetitivas, com um forte apelo para cópia e com respostas determinadas. Com isso a desmotivação dos alunos em determinados momentos das aulas era notória.

Muitas vezes como apontam Martins e Spachela (2012) os professores não se inquietam com a falta de conhecimento de metodologias novas e ativas, restringindo-se a apenas aos próprios discursos. Ainda abordam que “a falta de compromisso por parte do professor, em vez de estimular, pode na verdade, desestimular as curiosidades e a disposição das crianças” (MARTINS E SPACHELA 2012, p. 7).

As produções de cartazes e textos restringem-se a apenas datas comemorativas ou recortes, sem estímulo da criatividade das crianças e conexão com o social e vida real, tornando-os assim, em diversos momentos, insignificativos

para os alunos. Escritas de textos ocorrem de forma monótona e sem estímulo, pois logo que entregues são engavetadas.

Para alfabetizar letrando deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, por exemplo, escrever um bilhete para alguém que não está presente, contar uma história por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz etc. Assim a escrita passa a ter função social (CARVALHO, 2009, p. 69).

Os momentos de contações de histórias não possuíam uma preparação, adaptação do ambiente, criação de um momento mágico. A contação de histórias é uma das principais formas de trazer a criança para próximo de um livro, desenvolvendo o gosto pela leitura. “Entrar no mundo imaginário das histórias infantis é tornar-se ator do dizer do outro: envolver, indagar, gesticular, cantar, dançar com as palavras, dando sentido e sentimento a elas” (SILVA e GASPAR 2018, p.212).

Visões como essas precisam ser superadas em nossas salas de aula, o letramento vai além de montar cartazes temáticos, ele responde pelo conhecimento que temos da escrita e como a utilizamos para nos comunicar e nos relacionar com as outras pessoas. Pela, maneira como nós a utilizamos para nos expressar e darmos forma ao mundo. Segundo Soares (2004a, p.15)

é preciso reconhecer a possibilidade e necessidade de promover a conciliação entre essas duas dimensões da aprendizagem da língua escrita, integrando alfabetização e letramento, sem perder, porém, a especificidade de cada um desses processos, o que implica reconhecer as muitas facetas de um e outro e, conseqüentemente, a diversidade de métodos e procedimentos para ensino de um e de outro.

O trabalho com diversos portadores textuais, os hábitos mais simples na sala contribuem para um letramento efetivo da criança. Assim ela consegue construir o sentido real para a aprendizagem do ler e escrever, não só dentro da escola, mas para a vida na sua concretude. As crianças dos primeiros e segundos anos possuem uma ânsia de aprender e por isso é necessário apresentar o material didático e pedagógico adequado para elas, proporcionando-lhes o contato com livros, poemas, jornais, revistas e cantigas de roda, enfim explorar as letras e palavras destas infinidades de materiais, de modo a lhes despertar a vontade de aprender.

O ensino da Língua Portuguesa tem sido marcado por uma seqüenciação de conteúdos que se poderia chamar de aditiva: ensina-se a juntar sílabas (ou letras) para formar palavras, a juntar palavras para formar frases e a juntar frases para formar textos. Essa abordagem aditiva levou a escola a trabalhar com “textos” que só servem para ensinar a ler. “Textos” que não existem fora da escola e, como os escritos das cartilhas, em geral, nem sequer podem ser considerados textos, pois não passam de simples agregados de frases”. Parâmetros Nacionais Curriculares Língua Portuguesa (2007 p.28).

Pautando-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa as orientações são claras em relação a inclusão das crianças na educação básica quanto à promoção do letramento:

- expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos — tanto orais como escritos — coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados;
- utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade lingüística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam;
- conhecer e respeitar as diferentes variedades lingüísticas do português falado;
- compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz;
- valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos;
- utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos: identificar aspectos relevantes; organizar notas; elaborar roteiros; compor textos coerentes a partir de trechos oriundos de diferentes fontes; fazer resumos, índices, esquemas, etc.;
- valer-se da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais, sendo capazes de expressar seus sentimentos, experiências, idéias e opiniões, bem como de acolher, interpretar e considerar os dos outros, contrapondo-os quando necessário;
- usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua para expandirem as possibilidades de uso da linguagem e a capacidade de análise crítica;
- conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou

etnia. Parâmetros Nacionais Curriculares Língua Portuguesa (2007 p.33).

Ao longo dos oito anos da criança cursando o Ensino Fundamental é essencial que o professor capacite seu aluno para que consiga resolver problemas do cotidiano, com aulas que sempre valorizem o lúdico e também as interações entre os sujeitos como forma de proporcionar uma aprendizagem significativa. Isso é um desafio para os professores, principalmente para que o processo de aprendizagem aconteça de forma significativa e ativa.

2.1 Estágio alfabetização/letramento - algumas considerações sobre a singular tessitura.

No decorrer do desenvolvimento desta monografia e dos estudos teóricos mais aprofundados, podemos perceber que, na maioria das vezes, a alfabetização nos anos iniciais deixam lacunas que contribuem seriamente para diversos insucessos, tudo sobre a formação de analfabetos funcionais, uma questão que não afeta somente a vida escolar do aluno, mas o futuro de sua formação cidadão.

Martins e Espachela. (2012, p. 2) comentam que “é sabido que uma das maiores riquezas de um país é a educação do seu povo e que uma boa educação começa nas séries iniciais com uma alfabetização de qualidade”. Apontamos o fato de não estarmos se procurando soluções para a questão do analfabetismo funcional, porém para questão de refletir uma trajetória de sucesso na alfabetização, o que será possível com trabalhos docentes e ensino de qualidade.

Desenvolver uma prática que vise o domínio da leitura e escrita de cunho social, não é tarefa fácil, mas de suma importância para o letramento efetivo, para um futuro com menos incertezas e com probabilidades menores de insucesso. É necessário que o aluno saiba como fazer uso das práticas de leitura e escrita em contextos sociais. Este trabalho é contínuo considerando o significado da escrita na sociedade.

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas

práticas de linguagem. Isto é levado a efeito, em geral, através do processo de escolarização, e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual. O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição da escrita. [...] tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, neste sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social mais amplo (TFOUNI, 1988, p. 9).

Como vemos as contribuições do letramento vão para além dos muros da escola, pois ser letrado é essencial para se comunicar bem em sociedade e compreender os diferentes contextos sociais nos quais somos inseridos. É essencial despertar a criança para o conhecimento e cabe à família, em parceria com a escola, o papel de estimular as crianças.

Quando analisamos a alfabetização em um contexto social vemos que um indivíduo letrado/alfabetizado utiliza seus conhecimentos de leitura e escrita em seu dia a dia, relacionando-os com o contexto das práticas sociais, inserido na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já citado no início e no decorrer do trabalho, vimos que a alfabetização e o letramento são processos concomitantes, e que devem ocorrer principalmente nos anos iniciais com crianças de primeiro e segundo ano, pois estão na fase inicial do processo de aquisição do código da língua. E o papel da escola é contribuir para desenvolver fundamentalmente esses importantes processos.

O letramento é um processo que não consiste em início meio e fim, mas sim durante todo caminho acadêmico do indivíduo dentro e fora da escola, queremos dizer que além de saber ler e escrever ele precisa responder positivamente às práticas sociais de leitura e escrita.

Não estamos falando de uma escolha, letrar ou alfabetizar, falamos de alfabetizar letrando. Não em pensar uma sequência, primeiro alfabetizar depois letrar, ou separar atividades destinadas a cada um dos processos, como se o letramento fosse uma espécie de subtópico da alfabetização. O domínio do código da língua deve ser incorporado pelo aluno em situações que estão inseridas em realidades sociais.

É importante que as crianças tenham contato com adultos letrados e realizem produções de texto antes mesmo de possuírem o domínio da língua. Que tenham contato com livros e demais suportes sociais de textos, as crianças cujo os pais exploram com elas textos narrativos, além de aprenderem a ler com mais facilidade, também se mostram excelentes escritores ao longo de sua vida. Soares (2004b) revela que é preciso repensar e superar algumas práticas de ensino que vêm sendo trabalhadas em determinadas escolas, esclarecendo as diferenças entre o letramento e alfabetização, e que ambos são processos distintos e indissociáveis. A escola como um todo, pode auxiliar e proporcionar um ambiente rico em estímulo, além de contribuir com os pais para complementarem esta tarefa em casa.

O professor em sua sala deve propiciar momentos e situações em que a crianças seja confrontadas com situações problemas. A sala de aula deve ser um ambiente letrado, rico em estímulos, propício para despertar a curiosidade e as descobertas dos alunos.

Quando se fala em ambiente letrado não se restringe apenas à uma sala com cartazes colados na parede e alguns livros na prateleira, e nem tão pouco se limita

apenas a alguns momentos de leitura quando o aluno finaliza a atividade mais rápido do que a professora esperava. Precisamos superar a visão de letrar, explicitar uma função social da escrita, escrever uma redação sobre como foram as férias dos alunos e engaveta- lá, o que não a torna significativa.

Vemos que o letramento e a alfabetização são dois processos que se dialogam e são indispensáveis para a vida acadêmica e cidadã do indivíduo. Eles vão para além do muro da escola e o aluno deve ter ciência das práticas sociais de leitura e de escrita e estes processos necessitam de um mediador, no caso o professor, para que aconteça de forma significativa para o aluno.

O papel da escola é fundamental neste processo, pois é dentro dela que de forma intencional, que o professor consegue, na maioria das vezes confrontar e despertar a curiosidade do aluno para determinados objetivos do ensino da leitura e da escrita.

Assim fica a certeza a partir da fala de Weisz (1999) “ensinar não se constitui em um formula mágica”, e é isso que torna a educação mais interessante. Existe alguns pressupostos que devemos considerar para que a aprendizagem ocorra de forma mais efetiva e significativa e, é também isso que nós professores e futuros professores não devemos nos esquecer.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alessandra Fulaneti de FRAGO, Alessandra Corrêa. **A importância do letramento nas séries iniciais**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro- SP. 2014

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC; SEB, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf> Acesso em 11 de outubro de 2020.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MECSEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf> Acesso em 17 de outubro de 2020.

CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. 6.ed Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

COSSON, Rildo, SOUZA, Renata Junqueira de. **Letramento Literário**: uma proposta para a sala de aula. Acervo digital da UNESP. 2011.

FERREIRO, E. TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua escrita**. ARTMED, 1999.

FILHO, Marinho Celestino de Souza, JUNIOR, Celso Ferrarezi. **ALFABETIZAÇÃO E LINGUAGEM: A VIDA NA ESCOLA**. Caderno Seminal Digital Ano 17, nº 15, V. 15 (jan.- jul./2011).

GASPAR, Mônica, SILVA, Haíla Ivanilda. Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia. Rev. bras. Estud. pedagog., Brasília, v. 99, n. 251, p. 205-221, jan./abr. 2018. SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Minas gerais: Jan /Fev /Mar /Abr 2004a. No 25

GRANDO, K. **O LETRAMENTO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA TEÓRICA: ORIGEM DO TERMO, CONCEITUAÇÃO E RELAÇÕES COM A ESCOLARIZAÇÃO**. Projeto Observatório da Educação/CAPES. 2012

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2009. 144 p.

MARTINS, Edson, SPECHELA, L. Cristine. **A importância do letramento na alfabetização**. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET. Julho de 2012.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Correa de. **Psicogênese da Língua Escrita**: contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Pró-Reitoria de Graduação. Caderno de formação: formação de professores: Bloco 02: Didática dos conteúdos. São Paulo:

- Cultura Acadêmica, 2011. v. 2. p. 36-57. (D16 - Conteúdo e Didática de Alfabetização). Disponível em:
<http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40138>. Acesso em: 17 de out. 2020.
- ROJO, Roxane H. R.; MOURA, Eduardo (Orgs.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Minas gerais: Jan /Fev /Mar /Abr 2004a. No 25
- SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. Edição 3. São Paulo: Contexto, 2005.
- SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b.
- TFOUNI, L. V. Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- WEISZ, Telma. O Diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Ática, 1999.